

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense

Class.: PIB Geral 198

Data: 24.08.86

Pg.: _____



O líder espiritual do Xingu, Sapaim Kamaiurá, será um dos integrantes da equipe de pesquisadores do Instituto de Tecnologia Alternativa e está triste com a atuação do branco e o lixo que ele continua jogando no mundo

A força de um grande pajé

CARMEM MORETZSOHN
Da Editoria de Cultura

Desde criança, através dos livros de história brasileira, a idéia que se tem de um Pajé é aquela que pinta um homem alto, forte, todo enfeitado e pintado de urucum, que canta hinos desconhecidos e dança muito, fumando seu charuto longo. É fácil imaginar uma fisionomia forte, séria, de quem é responsável pela religiosidade e pela saúde de toda a tribo. Encontrar o Pajé Sapaim Kamaiurá é receber um golpe mortal nesta imagem: manso, tímido, simpático e calado, ele é a própria emanção da sensibilidade. Um jeito quieto de quem sabe tudo e guarda todos os segredos. Não é preciso provar: ele sabe.

No início deste ano, o nome de Sapaim ganhou as manchetes dos maiores jornais do País. Pela primeira vez, o branco conhecia a sabedoria indígena: Sapaim extraía o veneno do sapo, de dentro do corpo do ecologista e pesquisador Augusto Ruschi. Prolongava a vida de uma das pessoas que mais lutou pela preservação da mata e de seus espíritos. Sapaim não poderia deixar de invocar o Grande Pai para ajudá-lo. Todos se surpreenderam, mas o Pajé avisou: o veneno já tinha se espalhado pelo corpo e atingido outros órgãos. Impossível retê-lo. Desde então, o Pajé tem sido procurado pelos brancos com a mesma esperança que estes depositam nos curandeiros ou mesmo por aqueles que querem colocar à prova a competência do Grande Pajé. Mas não é nada disso...

Há pouco menos de uma semana, Sapaim deixou o Xingu para procurar a medicina do branco. Em São Paulo, o Grande Pajé submeteu-se a exames nos pulmões que, segundo ele, não andam nada bem. Mas o resultado não assustou. Em outubro, porém, nova série de exames na capital paulista. Mas não foi somente a saúde que fez com que Sapaim viesse às terras dos brancos: o Governador do Distrito Federal, José Aparício, também esperava sua visita para convidá-lo a integrar a equipe de pesquisadores do Instituto de Tecnologia Alternativa. Ali, o Pajé ensinará o tratamento de várias ervas, o reconhecimento de algumas plantas com poder medicinal.

No momento, Sapaim está hospedado numa chácara do Guará II. No local, ele já viu

muitos "remédios", mas ficou triste com a atuação do branco: "Eu sei que o branco não conhece a erva do índio e o índio tem que ensinar o branco, para que ele não jogue mais lixo em cima dos remédios. O branco não conhece o remédio, só Pajé Sapaim vê tudo isso. Eu não quero que o branco estrague o mato, acabe com o capim e com a terra do índio também. Por tudo isso, me sinto muito triste. Todo esse movimento de carro, ônibus, está no meio do dono do mato, o branco não percebe que está na terra, não percebe que tudo tem um espírito".

Para a sabedoria do Grande Pajé, até mesmo uma mesa de madeira está respirando e mantém seu espírito vivo. Assim acontece com cada planta. E os espíritos mansos da natureza estão sendo atingidos pela atuação branca. "O branco está construindo tudo para matar os outros, para acabar com o índio, com a terra. Não quero que o branco faça isso. Ele tem que respeitar a terra e o mato".

Na hierarquia das comunidades indígenas, o Grande Pajé é visto como a sociedade branca encara um grande médico. Só que, ao contrário do racionalismo que marca a atuação do médico branco, o Pajé não cura sem antes invocar o espírito do grande mestre Maucini, aquele que não morre nunca e até hoje vive no Morená. Ele é o Grande Pai e somente um Pajé pode chamá-lo. Mas para chegar a este ponto, o índio comum tem um longo caminho a percorrer.

Para que um índio se torne Pajé, é preciso que tenha uma sensibilidade diferente e muita força de vontade, pois o processo não é fácil. Em sua aprendizagem, o índio pode contar com a experiência de um Grande Pajé ou mesmo com o auxílio de Maucini, como aconteceu com Sapaim Kamaiurá, um dos poucos privilegiados que tiveram o Grande Pai como professor. Quem explica é o próprio Sapaim: "Eu não fui ensinado por outro Pajé: aprendi com a força do espírito do Pajé. Por isso, até hoje, eu sou muito forte, vejo tudo, posso ver o pensamento triste de uma pessoa. Eu conheço a cabeça de uma pessoa e sinto o que ela está falando em seu pensamento. No Xingu, a gente acredita em Maucini, que não morre nunca e só o Pajé pode chamá-lo. Como eu estou aqui, posso chamá-lo e só eu vejo. Ele, para nós, olha tudo: ele vê uma pessoa que vai morrer

amanhã e pode ajudar o Pajé a cuidar da pessoa".

Fora as exceções como Sapaim, o processo natural de formação de um Pajé inclui a ajuda de um Grande Pajé. Aí, Sapaim conta todos os passos: "Se um índio quer ficar Pajé, pode ficar, mas outro Pajé tem que ensinar, tem que preparar o remédio. À tarde, ele leva o Pajé novo para o meio da aldeia e chama os outros Pajés. Dá um banho com o remédio e um charuto de Pajé para fumar um pouco. Mas ele não pode pegar no charuto: só o Pajé pode. Depois, o Pajé novo volta para casa para dormir. No outro dia, todos os Pajés, juntos de novo e sem ninguém por perto, vão para uma casa e ficam no escuro. Todos acendem charutos e jogam fumaça na cara dele e quem está ensinando o Pajé novo manda que ele fume para valer. O aprendiz fuma cinco charutos de Pajé, depois pega mais um e fuma também, até desmaiar. Fica uma pessoa segu-



Sapaim: um pajé no terreiro dos homens brancos não precisa provar e nem mostrar força

rando. Ele fica 30 minutos sem respirar, até que o Pajé que está ensinando joga fumaça no corpo dele e ele respira de novo. Pergunta: fumou bem? Ele diz que fumou bem. Depois vem o chá de fruta do Pajé. Aí, quem está ensinando tira sua própria força do braço e passa para o aprendiz. Depois disso, o Pajé novo pega o chá na mão e toma. Pergunta: engoliu bem? Engoliu bem, pois está tomando a força dele. Depois, tira a força do joelho e dá para o Pajé novo tomar de novo. O resto do chá vai para o corpo todo. O Pajé novo vai descansar e quem está ensinando deita no chá e começa a gritar que está doente e pede um Pajé, para curá-lo. Um Pajé levanta e pede ao Pajé novo que cure o Pajé. Ele pergun-

ta o que está sentindo e o outro diz que é dor no peito. Pajé novo fuma o charuto e joga fumaça onde o Pajé sente dor. Pajé novo chupa no peito, onde sente dor, e tira aquilo que está doente. Mostra o que tirou e joga fumaça para sumir. O homem levanta e diz que está bom. Ele recebe todos os instrumentos de um Pajé e aprende o canto para curar doentes.

Depois de toda esta cerimônia é que começa o processo de purificação. O novo Pajé é advertido por quem o ensinou a ficar em casa, não comer peixe assado nem qualquer outra comida que não seja feita por ele mesmo. Ele deve ficar trancado num quarto durante cinco ou seis meses, comendo pouco e longe de todos, inclusive de sua mulher.

Tudo isso só termina quando o Pajé que ensinou o novo Pajé, após curar uma pessoa, passa pela casa do aprendiz e diz que ele já pode sair. Mas não muito, como esclarece Sapaim: "Quando o Pajé novo não agüentar mais ficar em casa, ele deve procurar quem o ensinou. O Pajé leva Pajé novo para tomar banho, passa remédio e tira tudo aquilo que passou. O Pajé novo volta para trabalhar e para a mulher. Fuma um pouco, toma um chá para vomitar e tirar o cheiro. Não pode trabalhar sua mulher direto, só quatro ou cinco dias, senão perde toda a força".

REMEDIOS

A sabedoria do Grande Pajé agora alcançará os brancos. Através de seus ensinamentos, muitas ervas, antes consideradas improdutivas, virarão remédios. Ele não sabe o nome que o branco dá a estas plantas, mas sabe reconhecê-las. Por isso, já está marcada uma visita que fará ao local onde será instalado o Lago São Bartolomeu. Junto com os pesquisadores do ITA — Instituto de Tecnologia Alternativa — Sapaim apontará as plantas que são úteis para remédios. "O remédio do branco é diferente. Quando a Escola Paulista vai ao Xingu dar vacina nos índios, eu vejo que seus remédios não têm dono, não têm espírito. Não sei se o médico branco percebe, mas vejo a fumaça que sai dos remédios dele. É muito diferente do remédio do índio. Os médicos brancos conhecem a doença do branco. Pajé conhece a doença do índio. Eles dão remédios que não curam o índio. A gente cura e ele fica bom".